

III. FUNÇÕES DO MUSEU EM DEBATE: PRESERVAÇÃO³

“Toda uma gigantesca ação de solidariedade aos órgãos encarregados da defesa, preservação e ampliação do nosso acervo cultural - quer se refira a monumentos, conjuntos arquiteturais, estatuários e urbanísticos, sítios ou cidades, quer telas e livros, partituras e manuscritos - precisa ser deflagrada, mobilizando o povo e conscientizando-o, a fim de que o Brasil não se transforme numa grande nação historicamente desmemoriada, sem uma lembrança sequer de seu magnífico passado a oferecer às desoladas gerações vindouras. Ou só capaz de oferecer-lhes a recordação da nossa vileza, a de termos consentido na derrocada dos valores patrimoniais do espírito brasi-leiro, crime que ficará para sempre sem remissão.”

Franklin Oliveira

Considerações Preliminares

As múltiplas faces que os museus vêm apresentando evidenciam que o universo museal está em mutação constante nas últimas décadas.

São perceptíveis as transformações de conteúdo e forma dessas instituições, como também constata-se um certo esforço metodológico, na busca de novos caminhos que possam aproximar mais rapidamente a sociedade dos museus.

Essa busca constante do equilíbrio entre continuidades e rupturas é o reflexo dos questionamentos que as instituições museológicas têm sido alvo, pois não dá para negligenciar os impactos causados pela tecnologia, pela força dos poderosos veículos de comunicação e, sobretudo, pelas distorções tempo-raís entre o tempo no museu e fora dele.

³ Este ensaio, com algumas alterações, subsidiou a conferência proferida no “7º Fórum de Museologia do Nordeste”, realizado em Fortaleza (Ceará - Brasil), 1994.

Cabe destacar que há um certo constringimento em pensar e realizar instituições que perpetuam os objetos, enquanto o nosso cotidiano é permeado pela onipotência dos objetos descartáveis.

Procurando responder a esses questionamentos e, concomitantemente, tentando assegurar a base teórico-metodológica para a atuação dos museus, a Museologia vem alcançando novos patamares e se organizando como disciplina aplicada, ao lado de outros domínios científicos.

Nesse caminhar tortuoso e turbulento, nunca houve questionamento sobre o caráter preservacionista da instituição museu.

Entretanto, parece-me um aspecto pouco tratado. Por um lado, a ausência de problemas pode ser responsável pela idéia de “berço-esplêndido” e levar profissionais à crença de que o referido caráter preservacionista já é algo conquistado e, por outro lado, pode ser que exatamente neste ponto resida o eixo da complexidade do papel do museu nas sociedades do presente.

Assim sendo, as minhas reflexões, neste ensaio, foram organizadas em três segmentos, a saber:

- 1) Princípios: porque os museus devem ser preservacionistas?
- 2) Problemas: como os museus estão atuando em função da preservação?
- 3) Perspectivas: qual o futuro possível?

Saliento, preliminarmente, que as idéias inseridas nos três segmentos representam um conjunto de inquietações e partem da noção de que a função básica do museu é a preservação. Todas as outras funções devem estar subordinadas ao seu caráter preservacionista.

1) Princípios: Por Que os Museus Devem ser Preservacionistas?

“Eu acredito que um museu, qualquer que seja, deve responder a uma questão fundamental: o que é a condição humana”.

Neil Postuman (1989)

Segundo Pomian (1984), as sociedades humanas têm o hábito de eleger, selecionar, reunir e guardar objetos desde a pré-história. Com isso, fica evidente a relevância, dos objetos no cotidiano dos Homens e o lugar de destaque que ocuparam as famosas coleções, ao longo da História, na tentativa de superar os limites da transitoriedade humana.

Se hoje, pode-se afirmar a importância dos objetos é porque, ao lado do exercício humano de elaborar um artefato, sempre existiu alguma idéia de preservação.

Portanto, cabe enfatizar que os museus herdaram essa atitude e são responsáveis pela sua perpetuação, ao lado de outros modelos institucionais (arquivos-bibliotecas) e mesmo outros processos sociais.

Considerando que os templos da antiguidade, os gabinetes, galerias e antiquários e os museus enciclopédicos deixaram contribuições para a idéia de museu, presente neste século, constata-se que o Homem, ao longo do tempo, não deixou de lado a preservação de seus vestígios e, de uma maneira ou de outra, mesmo privilegiando as marcas das elites, o museu é um fenômeno mundial.

Entretanto, na contemporaneidade, este modelo institucional divide sua atenção entre problemas preservacionistas e outros vinculados, por exemplo, a questões acadêmicas, definições administrativas e políticas, sem contar as dificuldades técnico-científicas, enfrentadas para acompanhar a evolução do conceito de preservação, que caminhou mais rapidamente fora dos museus.

Reafirmando que a preservação é a função básica de um museu e que a partir dela estão subordinadas todas as outras, tais como **coleta e estudo** dos objetos e/ou espécimes da natureza; **salvaguarda** das coleções e/ou referência patrimoniais (conservação e documentação) e **comunicação** (exposição, educação e ação sócio-cultural), saliento que o desempenho articulado de todas estas facetas preservacionistas deve estar vinculado ao exercício museológico.

Segundo Scheiner (1989:62), existem três graus possíveis de relação entre Museu e Museologia, a saber: Museologia como um conjunto de práticas relativas a museus, ou como apenas a base teórica que possibilita o trabalho dentro dos museus, ou ainda um “conjunto

de idéias que tem como objetivo criar uma linguagem de comunicação específica para os museus” e, neste sentido, capaz de gerar novas formas de museu.

Em recente estudo, Peter Van Mensch (1994) apresenta um panorama sobre os principais caminhos que os teóricos têm apontado, no sentido de contribuir para a construção da Museologia como disciplina científica. Baseando-se no ICOFOM (Comitê Internacional do ICOM para a Museologia), o referido autor indica que existem 5 segmentos de idéias, a saber: 1) a museologia como estudo da finalidade e organização de museus; 2) a museologia como o estudo da implementação e integração de um conjunto de atividades visando à preservação e uso da herança cultural e natural; 3) a museologia como o estudo dos objetos de museu 4) a museologia como estudo da musealidade, e 5) a museologia como o estudo da relação específica do homem com a realidade.

Revisitando estas idéias, e, como já sublinhei em outros textos, parece-me que a preocupação desta disciplina está voltada para dois grandes fenômenos. Por um lado, a necessidade de compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem frente ao seu patrimônio e por outro lado, desenvolver mecanismos para que a partir desta relação o patrimônio seja transformado em herança e esta, por sua vez contribua para a necessária construção das identidades (individual e/ou coletiva).

Desta forma, enquanto área de estudo, a museologia pode consolidar os museus já existentes e propiciar a criação de novos modelos. Em ambos os casos, a noção de preservação é básica e o desdobramento dessa caminhada conceitual depende da compreensão do que é preservação.

Enfatizo, lembrando Waldisa Guarnieri (1990:10), que musealização pressupõe ou implica em preservar e enquanto ação museológica ela aproxima objetos e homens, revitalizando o fato cultural, “a preservação proporciona a construção de uma memória que permite o reconhecimento de características próprias, ou seja, a identificação. E a identidade cultural é algo extremamente ligado à

auto-definição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica”.

Compreende-se que a Museologia está consolidada na idéia de preservação e esta, por sua vez, tem a potencialidade de desencadear processos orientados para a construção da identidade, e constata-se que os museus, assumindo primordialmente a função preservacionista, podem desempenhar um papel relevante nas sociedades. Tanto os museus tradicionais ou os novos processos museológicos têm essa vocação.

Entretanto, alguns problemas conceituais, estruturais e outros propiciados pelo ambiente externo têm desfocado essa vocação.

2) Problemas: Como os Museus estão Atuando em Função da Preservação?

“As escolhas de conservação mostram claramente que o profissional de museu não pode esperar ter mais ou menos possibilidade como intérprete fiel da memória que ele tem como responsabilidade perpetuar. Esta memória não se conserva como a do computador, que sabe tudo, a todo instante, mais como aquela do indivíduo: seletiva e afetiva.”

Zeev Gourarier (1988:44)

As definições sobre preservação são muitas, e são datadas, mas estão sempre relacionadas à sobrevivência dos grupos humanos. Quer seja pela identidade cultural do grupo, ou pela integridade dos seres vivos, quando refletimos sobre preservação estamos analisando outras idéias como: os atos de selecionar, guardar, manter, ou mesmo de repetir e transmitir.

As reflexões anteriormente mencionadas estão sempre subordinadas ao universo patrimonial. Considerando que patrimônio é o conjunto dos bens identificados pelo Homem a partir de suas relações com o Meio-Ambiente e com outros Homens e a própria interpretação que ele faz dessas relações, observa-se, em um primeiro momento, que este universo é infinito. Em seguida, é fácil constatar

que os museus têm preservado uma pálida imagem (por meio de algumas coleções) do que realmente seria a nossa herança patrimonial.

Reside aí, então, o primeiro grande problema sobre a função preservacionista dos museus, ou seja: a necessidade de afinar com laços mais sólidos as relações entre o universo patrimonial e aquele que hoje partilhamos como herança cultural e que legaremos para o futuro.

Neste sentido, conceitualmente, a Museologia tem avançado nas últimas décadas. Basta citar as considerações sobre Patrimônio Comunitário e Patrimônio Integral que têm apontado para as responsabilidades extra-muros dos museus, ou ainda a noção de Referência Patrimonial assumindo o lugar das exauridas Coleções e, desta forma, possibilitando um futuro objetivo para a preservação da cultura material e espécimes da natureza.

Entretanto, é perceptível o desajuste entre esses avanços conceituais e a carência de métodos e técnicas capazes de orientar essas novas perspectivas. Assim, identifica-se o segundo problema relacionado ao tema: a urgência de estabelecer novos parâmetros para a formação profissional e reciclagem daqueles que já estão à frente dos processos museológicos.

Considerando que uma das possibilidades para a formação está em aceitar que a Museologia está ligada à administração da memória (Meneses, 1991), deve-se reconhecer que este gerenciamento pressupõe um novo trabalho cultural e educacional, que atribui ao patrimônio novos usos e novas significações. Portanto, os museus, estabelecidos tradicionalmente a partir de coleções, devem contar com profissionais aptos ao desempenho dessas tarefas, ou seja: compreender que o objeto é um suporte de informações e, por isso, ele deve ser preservado ao lado de outros meios de informação.

Assim sendo, as atividades básicas vinculadas à coleta, conservação, documentação, armazenamento, exposição, educação, ação sócio-cultural e avaliação devem estar relacionadas a dois grandes blocos, a saber: salvaguarda e comunicação dos indicadores da memória. O desempenho desses dois blocos está vinculado a problemas éticos sobre o uso da herança patrimonial, às questões que

dizem respeito a como uma soci-idade enfrenta e estabelece um diálogo com seus traços culturais - mesmo os museus sendo universais e, sobretudo, à compreensão da vocação educacional de todas as tarefas museais.

Julga-se que, dessa forma, “novos profissionais” poderiam aproximar os museus tradicionais dos novos modelos, pois a oposição nesse caso não é saudável nem para os museus nem para os profissionais. É fundamental, então, compreender que tanto as coleções sectárias e elitistas, quanto as vertentes do patrimônio integral são indicadores da memória e de acordo com a linha de trabalho podem servir para a “construção” e “releitura” sobre o passado e mesmo “ajustar” e “dinamizar” o presente.

Assim sendo, a formação mais adequada para esses novos desafios indica que este profissional tem que estar apto para prolongar a vida dos objetos, mas também propiciar a releitura das idéias do presente, dando novas interpretações aos acontecimentos do passado. E isso é preservação (Lucena, 1991).

Uma terceira ordem de problemas que tem aflorado nos últimos anos, a partir do fortalecimento das discussões ecológicas, registra que, tratar os problemas vinculados à preservação significa respeitar o conceito da biodiversidade. Nesse caso, é impossível não perceber o constrangimento dos museus tradicionais em relação a esse novo conceito. É notório que as instituições museológicas passaram esse século preocupadas em determinar suas especialidades, em desmembrar suas coleções e em contribuir para a organização de uma tipologia de museus, constituída por tipos bastante estanques.

Deve-se ressaltar, também, que o universo profissional vinculado aos museus valorizou e muito a cultura material, tornando a instituição museológica antropocêntrica. Portanto, não devem ser negligenciadas as dificuldades que estão enfrentando, em compatibilizar seus atuais perfis, em relação ao seu caráter preservacionista.

A partir desses três segmentos de problemas que podem ser identificados, nos museus, em diversas regiões do mundo, é

importante salientar que a realidade brasileira faz emergir outras questões.

A síndrome do novo mundo, os reflexos de uma colonização predatória, as discrepâncias entre litoral e interior, capital e província, metrópole e colônia, regional e nacional, sempre nortearam as discussões patrimoniais, ao lado de problemas que estão na raiz da herança cultural que chegou até nós, tais como: a oposição entre erudito e popular, a predominância da violência nas decisões sócio-políticas e mesmo as famosas questões sobre a identidade de um país multifacetado, multi-colorido, multireligioso e multiclímático, onde parece que a idéia de sincretismo é a única luz no fundo do túnel e a nossa grande e particular contribuição para a humanidade.

As interpretações sobre este país passaram dos olhares estrangeiros para o ponto de vista nacional e pouco se utilizaram dos museus.

As lutas preservacionistas que, neste século, assumiram o caráter de movimento e se transformaram em instituições e legislações, na verdade, pouco se preocuparam, com os museus. Dos heróis que estiveram e ainda estão à frente desses trabalhos, apenas alguns perceberam que a discussão preservacionista deveria levar em consideração estas instituições.

Essa dificuldade de entrosamento relegou às instituições museológicas um papel secundário, por exemplo, na história do Serviço de Patrimônio Nacional que, até hoje, ainda não repensou a idéia dos museus nacionais e não efetivou um Sistema Nacional de Museus para o Brasil.

Entretanto, mesmo que a interpretação sobre este país não leve em consideração, como deveria, a potencialidade preservacionista dos museus, o problema mais sério é a idéia de que **preservação é a oposição ao progresso**. Idéia que está marcada na alma do brasileiro e é sempre reafirmada. Gerações após gerações, as elites se utilizam dessa estratégia para consolidar a noção de que o futuro está no novo. Como se a superação dos problemas estruturais do Brasil estivesse vinculada à necessidade compulsiva de construir e reconstruir. Esta falsa idéia tem imposto ao país modelos de desenvolvimento que não

levam em consideração a preservação (em todos os sentidos) e aqueles que se opõem a esses “mandamentos” ficam exilados dos direitos mínimos de cidadania.

Neste sentido, o museu ocupa um lugar no universo das instituições culturais brasileiras com grande constrangimento, sem merecer a devida atenção e obter condições mínimas de trabalho. Abandonado pelos órgãos mantenedores, desprovido de adequadas estruturas físicas e consolidado a partir de uma tênue possibilidade de trabalho interdisciplinar, o museu no Brasil - com honrosas exceções - vem se transformando em uma caricatura de suas possibilidades.

Portanto, cabe destacar que esse problema está vinculado à mentalidade da sociedade e acaba coibindo a atuação museal em relação à preservação do patrimônio. Assim sendo, fica evidente que uma das tarefas mais importantes da Museologia é estudar esse problema e contribuir para sua superação.

Os novos processos de musealização são bem vindos, mas seria injusto e esquizofrênico consolidá-los nas ruínas dos museus tradicionais.

3) Perspectivas: Qual o Futuro Possível?

“Como disse no começo, o Patrimônio para mim foi sobretudo uma questão de amizade e afeto, uma oportunidade de convivência e conhecimento devidos a bons amigos. Mas bem sei que um estudo objetivo mostraria como esses amigos, e todos os funcionários que não conheci, nem conheço, realizaram profissionalmente com a inteligência e o coração uma das obras mais notáveis que este país já viu”.

Antonio Cândido (1987:22)

“Utilizar a memória preservada, testemunho da História entendida como forma de existência social, nos seus diversos aspectos, econômico, político e cultural, bem como o seu processo de transformação, contribuindo para a

formação de cidadãos, tem sido um dos objetivos dos programas de ação cultural que temos desenvolvido”

Maria Célia Moura Santos (1993:52)

É possível identificar no Brasil um grande esforço de diversos profissionais, orientados para a superação dos problemas anteriormente apresentados. Entretanto, resta ainda muito trabalho a ser feito. Neste sentido, apresento algumas propostas, sempre levando em consideração que a preservação é a função básica do museu.

Saliento a necessidade do desenvolvimento de estudos que procurem elucidar a “lógica” das relações construídas e reconstruídas entre a sociedade brasileira e a preservação patrimonial. Com isso, quero chamar a atenção para o estudo da história do pensamento museológico brasileiro, no sentido de elucidar como ele vem se organizando e como tem sido suas relações com aqueles que pensam e interpretam o Brasil. Para tanto, é fundamental revisitar as idéias dos que nos procederam, que estiveram à frente de museus e cursos de formação e mesmo tentar entender o papel que as discussões museológicas desempenharam na elaboração de preservação, embutido nos projetos e leis preservacionistas.

Ao mesmo tempo, indico a importância dos processos museológicos que têm por objetivo a experimentação metodológica, pois a Museologia viável para o Brasil depende das citadas experimentações e respectivas análises.

Com isso, afirmo que os museus necessitam desses estudos e trabalhos acadêmicos. Para tanto, as Universidades e Agências Financiadoras devem unir esforços e incentivarem essas pesquisas.

Considero, também, que já é o momento de uma discussão sobre os cursos de formação e o estabelecimento de graus, diferenciados para o trabalho museológico. Neste caso, é pertinente propor a premência do estabelecimento de uma base comum - um quadro referencial da disciplina museológica - e, a partir dela, os desdobramentos devem ser orientados segundo as necessidades

regionais e a diversidade entre as instâncias técnico-científicas desta área de conhecimento.

Sobretudo, esta formação deve estar alicerçada na idéia de que o museólogo é um profissional que trabalha com o outro e para o outro, com o objetivo de construir e preservar a memória.

Repensando e incetivando linhas de pesquisa e de formação profissional, em torno da idéia e atuação dos museus, pode-se afirmar que a Museologia vivenciada no Brasil está procurando seus próprios caminhos.

Caminhos que devem aproximar os museus tradicionais dos novos processos de musealização e, talvez, em função da complexidade dos problemas que estão ao longo desses caminhos, o trabalho brasileiro possa contribuir, do ponto de vista teórico-metodológico, para a construção do cenário de ques-tões científicas e técnicas da Museologia como disciplina aplicada.

Bibliografia Citada

- CÂNDIDO A. Patrimônio interior. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GOURARIER, Z. L'échange symbolique entre le musée et la société. In: COLLOQUE de Rennes, 1988: Rennes. **Constituer aujourd'hui la mémoire de demain**. [S.l.: s.n., s.d.].
- GUARNIERI W. R. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n.3, 1990.
- LUCANA, C. **Linguagens da memória**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1991. (Apoio, 6).
- MENEZES, V. **A história, cativa da memória?**. São Paulo: [s.n.], 1991. [texto xerocopiado].
- MENSCH, P. V. **O objeto de estudo da museologia: pretextos museológicos**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1994.
- OLIVEIRA, F. **Morte da memória nacional**. Rio de Janeiro: Topbook, 1991.
- POMIAN, K. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Impr. Nac. Casa da Moeda, 1994. v.1: Memória / História.
- POSTMAN, N. **Museus: geradores de cultura**. Haia, 1989. Palestra proferida durante a 15ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus ICOM, 1989.
- SANTOS, M.C.M. A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. In: REPENSANDO a ação cultural e educativa dos museus. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1993.
- SCHEINER, T. C. M. Museus e museologia: uma relação científica? **Ciências em Museus**, v.1, n.1, 1989.